

HOMENAGEM ao Dr. João Barroso da Fonte – Montalegre, 9-6-2011

Exmº Senhor

*Governador Civil do Distrito de Vila Real,
Presidente da Câmara de Montalegre,
Senhores vereadores, agentes culturais, autoridades,
Minhas senhoras e meus senhores,
Meu caro Barroso da Fonte:*

O que me traz o gosto e a honra de estar hoje aqui, neste dia grande de Festa concelhia, é a homenagem municipal ao meu companheiro e amigo o Dr. João Barroso da Fonte, natural de Codeçosos.

É homenageado um homem de elite, trasmontana e nacional, a quem Montalegre muito deve e, ao retribuir-lhe hoje com uma prova de gratidão, pratica um acto de coerência e de justiça, pois o seu filho, o Dr B Fonte, tudo lhe merece: quer pela exemplaridade do seu carácter inteiro, de homem de excepção, quer pelo seu bairrismo intenso, incondicional, persistente, insistente, resistente... patente em milhares de páginas da sua obra multiforme.

II

É já bem longa a nossa caminhada de amigos, desde os anos cinquenta do Seminário de Vila Real!

Para o seminário eram encaminhados (pelos professores, pelos párocos das aldeias) os rapazes mais inteligentes, os mais capazes de arcar com uma vida de missão, que, além de qualidades humanas de elite, exigia muito estudo, dedicação... e tantas vezes recebendo a incompreensão da hierarquia e o isolamento humano e familiar.

Para rapazes como o Barroso da Fonte, aquelas grossas paredes não foram prisão, mas, sobretudo, uma dádiva do Destino, que o ajudou a crescer, como num recanto de quintal em Codeçosos, um alfobre de plantinhas cresce e enrija e que é preciso proteger, vedar, talvez com umas canas... e uns espantalhos... por causa dos pardais.

Muitos desses seminaristas conseguiram encontrar os carris definitivos da sua vida e hoje ainda dão sublime testemunho sacerdotal.

Mas a educação aí recebida caía quase sempre em terra boa, mesmo quando extravasava cá para fora.

Com o desenvolvimento da adolescência, os dramas de muitos rapazes eram avassaladores, como para sempre registou Vergílio Ferreira na *Manhã Submersa*. Fernando Pessoa, que nunca andou no seminário mas era um ser humano tão profundo, angustiado e complexo como Nietzsche e tão místico como Francisco de Assis, condensa lapidarmente esse seminarista afogado no espanto da vida:

"A minha vida é como se me batessem com ela."

(Livro do Desassossego)

E retrata ainda os dilemas de quem perdia mesmo a Fé, apesar de ser algo umbilical e familiar:

"Trazem-me a fé como um embrulho fechado numa salva alheia. Querem que o aceite para que não o abra."

(Livro do Desassossego)

A maior parte de nós conseguiu exercer a verticalidade e descobrir a tempo a sua vocação na vida secular.

Alguns descarrilaram, 'curtocircuitando', dramaticamente, dois sacramentos: a Ordem e o Matrimónio – ambos incompatíveis e, ainda por cima, vitalícios...

Os vencedores não são os mais fortes nem os mais inteligentes: são os que possuem o instintivo bom senso e a ancestral sabedoria da adaptação, sem a deixarem confundir, ou com a humildade, ou com o oportunismo.

Na lição da História, os dinossauros, vistosos no seu majestoso estatuto, desapareceram; mas a formiguinha... ficou e nem deve ter dado por falta desses concorrentes de peso.

O B Fonte sempre beneficiou de duas qualidades, aparentemente contraditórias: ser cigarra pela arte e formiga pela adaptação e trabalho. Na sua procura, afadigada e pragmática, sempre discreto e eficiente, soube contornar enormes obstáculos, aproveitar, adaptar-se e afirmar-se.

Sentiu-se bem nas várias circunstâncias, esperadas e inesperadas; e sempre se saíu bem, mostrando uma apreciável capacidade para harmonizar os estudos com actividades extra-curriculares e, pela vida fora, acumular as necessidades profissionais com as actividades intelectuais, artísticas e cívicas.

No seminário, estas actividades eram inventadas por nós – exactamente como, lá na aldeia (e sem dinheiro

para os comprar) tínhamos de ser nós a inventar os nossos próprios brinquedos.

Assim, além de grupos de teatro, apareceu por ex. a nossa *Academia Missionária*, em que o famoso seminarista de Vale de Perdizes – o P. Fontes – teve também um papel activíssimo. Lembro-me até de umas cordas de violino e umas músicas de *contrabando* que me trouxe de Orense... Todos os seminaristas de Montalegre foram rapazes empreendedores e, hoje, quase sempre homens de elite, nos vários campos de actividade, quer intelectual quer empresarial.

A Academia precisava de um Hino e o BFonte fez a letra, ficando a meu cargo a música... e à Academia devo a inspiração para a *Barcarola Missionária*, a vozes, que ainda hoje por aí se canta nas paróquias.

E não foi a nossa única parceria poético-musical: logo a seguir fizemos a marcha da terra dele: a *Marcha de Codeçoso*, uma marcha bem linda, por sinal.

E ele também é autor de algumas músicas.

Creio que não será importante analisar se as circunstâncias em que decorria a vida no seminário da nossa juventude eram boas ou más! Quem tivesse inteligência, carácter e, sobretudo, criatividade e adaptação, poderia sempre dizer, como Napoleão Bonaparte:

Circunstâncias? O que são as circunstâncias? Eu sou as circunstâncias!

E B Fonte foi nisso um pioneiro: lembro-me de o ver, desde cedo (logo aos 15 anos, em 1953), colaborar em jornais e distribuir a *Voz de Trás-os-Montes* e o *Ave Maria* do P. Mendes – a única imprensa que podia circular entre nós. E já escrevia para os jornais. E era poeta.

Para quem deixava a protecção das grossas paredes institucionais, a vida era um violento recomeço.

A primeira e mais dolorosa prova de fogo era aquele olhar pobre da mãe, ex-candidata a um futuro garantido por ter um filho padre; e, num serão qualquer, à lareira, numa roda de muitas bocas a sustentar, surgia a pergunta:

– E agora, meu filho? que vai ser de nós? que vai ser de ti?

E era tremenda a nova responsabilidade de ser homem e ter de ganhar a vida, arranjar trabalho.

Empregou-se 3 dias depois, num túnel das obras da barragem, como apontador!

E, quase de rajada, caíu-lhe em cima também o serviço militar – tão bem narrado no livro do Dr. António Chaves, agora apresentado pelo Dr. Bento da Cruz.

O João Barroso da Fonte foi um militar condecorado com a Medalha de Mérito Militar. Depois, a sua natureza patriótica e empreendedora disparou e a sua consciência cívica passou a exercer-se no terreno da disponibilidade em proffucas actividades institucionais, de que destaco a ligada ao Monumento aos Combatentes do Ultramar, que alguma estupidez revolucionária tentou abafar à nascença, como se fosse possível anular a nobreza do sangue derramado pelos heróis de uma Nação. Mas hoje celebra-se aí o Dia de Portugal.

Enquanto trabalhava e criava os filhos, escrevia em prosa, verso, praticava a história, a etnografia e a ensaística, partilhando sempre os seus talentos em intensa vida social, cultural e associativa. E ainda estudou: alcançou todos os graus académicos: equivalências do seminário, licenciatura, mestrado, doutoramento.

O seu nome encontra-se ligado a centenas de actividades e o valor do seu perfil foi reconhecido através de prémios e condecorações, não apenas a nível nacional mas também internacional.

Como conseguia ele acumular tantas actividades, tanto esforço? Dá-nos a resposta o livro do Dr. A. Chaves: ***Nos momentos de maior pressão, o João dispunha de um arsenal de truques verdadeiramente únicos, que lhe conferiam um padrão pouco usual de resposta aos pequenos e grandes desafios da vida.***

Conduzia o seu viver com algum frenesim, cabeça ocupada com não menos de três questões simultâneas, ritmo apressado e cumpridor de metas, um dos muitos mortificados pelo trabalho que nunca encontram tempo para um momento de descanso.

Mas quando as coisas aqueciam e se espera um pico de desassossego, abria uma qualquer válvula de escape interior e dava-lhe forma através da poesia ou da prosa, pela mão de um personagem em gritos de revolta. E, depois de apaziguado, fazia da inquietação um caminho de esperança, um mundo psíquico impregnado de irrealidades, portadoras de realidade.

Esta forma de estar conduzia-o frequentemente a análises estremadas de aceitação e rejeição, com configurações diversas, conforme observadas pela frincha da porta, ou pelo buraco da fechadura.

– De Fundador do Centro de Emprego a Director de Museu

Em 1968 recebeu na redacção do Notícias de Chaves o Dr. Rocha Cabral, Director Regional do Instituto de Emprego e Formação Profissional (ao tempo conhecido por Serviço Nacional de Emprego). Da conversa resultou o propósito de instalar nessa cidade um Centro de Emprego, para o que foi convidado a concorrer, cessando as aulas. Aprovado em concurso público foi aí colocado como Técnico de Emprego, que acumularia com todas as outras tarefas inerentes ao Serviço, porquanto, durante o primeiro ano, foi o único serventuário. Cuidou de arranjar instalações, de obter todos os meios indispensáveis e de equipar o Centro que viria a ganhar raízes e a ser fundamental para o desenvolvimento da Região. A área de influência era constituída pelos concelhos de Chaves, Boticas, Montalegre e Valpaços. Curiosamente era o responsável do Centro quando se operou o golpe militar do 25 de Abril de 1974. Paradoxalmente, foi "saneado" do cargo por alguns daqueles que "apadrinhou", quando aí ingressaram, como funcionários.

– **Professor**

Casou em 4 de Novembro de 1967 e radicou-se em **Chaves**, como professor eventual do então **liceu**. Leccionou Educação Física nos anos lectivos de 1967/8 e 1968/9. Paralelamente deu aulas de Português nos antigos cursos de formação.

No ano lectivo de 1998/9 foi convidado a leccionar na **Escola Superior de Educação**, do Instituto Superior de Educação de Fafe, a disciplina: Práticas e Teorias da Animação, nos cursos de Complemento de Formação Científica e Pedagógica. Cessou essa actividade docente em Outubro de 2005.

– **Director do G. D. de Chaves**

Na época desportiva de 1971/2 constituiu e liderou a Direcção do Grupo Desportivo de Chaves que desesperadamente tentava subir da 3ª à 2ª divisão Nacional. "**direcção dos pelintras**". Curiosamente foi nesse ano que o Clube ganhou o campeonato nacional da 3ª divisão - zona norte.

– **Cargos políticos:**

Foi **Director-Geral Comunicação Social do Norte**, **Dir Paços de Guimarães**, Membro do **Conselho Municipal**, em Guimarães; **Vereador** a tempo inteiro, com os pelouros da cultura, desporto, turismo e pessoal. **Deputado Municipal**, cargo a que renunciou.

* como vereador da cultura, do turismo e do desporto desenvolveu aquilo que a imprensa local e nacional classificou como "o período de ouro", de sempre. Foi o responsável político pela criação da **Biblioteca Pública Raul Brandão**, pela **instalação do CIAC**, pela **formalização da Zona Turística** de Guimarães, pela organização e realização, em Guimarães, do **Campeonato Mundial de Andebol**, Grupo C, pela participação nos **Jogos Sem Fronteiras (1998, em Nice)**, cuja edição a equipa de Guimarães venceu. A ele se deveram eventos que fizeram história, como "**Euroarte**", "**Show Moda**", "**Quartas-Feiras Culturais**", "**Saber é Giro**", "**Movimento Jovem**" e "**Feira do Entulho**". Igualmente foi proponente da **primeira gemação que Guimarães celebrou**, com a cidade de Londrina (Brasil), sendo também autor da proposta da Praça de Londrina, bem como da lápide que ainda lá se mantém e que reza: "não há distância que separe a alma luso-brasileira".

Actividade jornalística:

Pratica o jornalismo desde os 15 anos, (desde Outubro de 1954), tendo sido delegado do "Jornal de Notícias", em Chaves (1971-1974) e em Guimarães desde 1975 até 1982. Correspondente do "Diário de Notícias", da "Rua", do "Debate", "Diário Popular", da "Tribuna", "Diário do Norte", "Primeiro de Janeiro". Chefe de Redacção do "Notícias de Chaves" (1967-1975). Colaborador regular de: "Voz de Trás-os-Montes", "Voz de Chaves", "Alto Tâmega", "Mensagem de Bragança", "Notícias de Chaves", "Notícias do Douro", "Jornal do Norte", "Povo de Barroso", "Povo de Fafe", "Jornal de Matosinhos", "O Despertar", "O Aveiro", "Notícias de Mirandela", "Notícias de Vizela", "Voz de Esmoriz", "Fórum Cabeceirense", "Correio de Fafe", "Notícias de Vila Pouca de Aguiar", "Barroso em Luta", "O Montalegrense", "Ecos de Boticas", "Negócios de Valpaços", "Notícias de Vila Real", "Tribuna de Amarante", "O Minho", "A Região", "Notícias de Trás-os-Montes", "Diário do Minho", "Correio do Minho", "Comércio de Vila do Conde", "Comércio de Gaia", "O Barcelense", "Notícias de Abrantes", "Crónica Feminina", "Notícia" (Luanda), "ABC" (Angola), "Província de Angola", "Diário do Lobito" (Angola). Revistas: "Tellus", "Gil Vicente", "Sílex", "Estudos Transmontanos", "Permanência", "Aequae Flaviae", "Revista de Angola", "Actual", "Cruz de Pedra", "Viajante", "Sol XXI", "Revista de Guimarães", "Atlântico Magazine".

Fundou e dirigiu: "Voz de Guimarães", "Voz do Combatente", "Além-Marão".

Reiniciou e dirigiu "**Poetas & Trovadores**" e a revista de cultura e actualidades "**Gil Vicente**" (até 2005). Foi director de "Comércio de Guimarães" (desde o ano 100 ao 110). Nessa qualidade foi co-fundador da **Rádio Santiago**

(Guimarães). Tem a carteira profissional nº 3632.

– **Autor** dos seguintes livros:

a) *Poesia*:

1. Neve e Altura, 1965
2. Formas e Sombras, 1966
3. O Sangue e as Palavras, 1967
4. É preciso amar as pedras, 1970
5. Terra Violada, 1978
6. Tempo Infecundo, 1982
7. Pausa ao Entardecer, 1990
8. Antologia poética de Autores Vimaraneses, Ideal, 1993
9. Trinta anos de poeta (antologia), 1995

b) *Prosa*:

1. Conheça Trás-os-Montes, 1970
2. Usos e Costumes de Barroso, 1972
3. Diálogo com Ferreira de Castro, 1973
4. Síntese Monográfica de Chaves, 1975
5. Vida e Obra de D. Joaquim da Boa Morte, 1979
6. Rifoneiro Barrosão, Separata, 1984
7. Rezas, Crendices e medicina Popular em Barroso, Separata, 1985
8. Vida e Obra de Artur Maria Afonso, 1987
9. Guimarães - Roteiro Turístico, 1991
10. Aspectos menos conhecidos do Paço dos Duques de Bragança, 1992
11. A Igreja de S. Miguel do Castelo, 1992
12. O Castelo de Guimarães, 1992
13. Afonso Henriques - Português de Guimarães, 1992
14. Mumadona - a fundadora de Guimarães, 1992
15. Paço dos Duques de Bragança (quadrilíngue, Elo), 1993
16. Paço dos Duques de Bragança (edição popular, Elo), 1993
17. Paço dos Duques de Bragança (edição popular. Em Espanhol - Elo), 1993
18. Guimarães e as duas caras, 1994
19. Leonor Alvim - Alicerce da Casa de Bragança, 1994
20. Visita ao Castelo de Guimarães, Ideal, 1995
21. Unidades Militares que passaram por Guimarães, 1995
22. A Pousada de Santa Marinha da Costa (Port/Inglês), Elo, 1995
23. Casa dos Pobres de Guimarães, 1997
24. Miguel Torga e a Presença, Separata, 1997
25. Dicionário dos mais ilustres Transmontanos e Alto Durienses (Vol. I), 1998
26. O Pensamento e a Obra de Alberto Sampaio, (tese de mestrado), 1998
27. Mons. Alves da Cunha (1872-1947) - Um transmontano que vale a pena recordar, 1999
28. 7º e 8º Condes de Barcelos na Tomada de Ceuta, Separata, 1999
29. As origens da Casa de Bragança, Separata, 2000
30. Dicionário dos mais ilustres Transmontanos e Alto Durienses (Vol. II), 2001
31. Dicionário dos mais ilustres Transmontanos e Alto Durienses, (Vol. III), 2003
32. "O Falar de Barroso" - um livro polémico, separata da Gil Vicente, Dez/2003
33. Alfredo Pimenta: da praxis libertária à doutrinação nacionalista, 2005.
34. Antologia Poetas de Sempre (fundador e coordenador de 10 volumes: (2000-2009).
35. Afonso Henriques - Rei polémico (c/2 edições de mil exemplares cada)

c) **Vária**:

1. I. Pedro Anes do Canto: Vimaraneses que desbravou a Ilha Terceira, in **Gil Vicente**, 1994;

2. Soldado Milhões nasceu há cem anos, "Gil Vicente" n° 30, III série Jan/Dez. 1995;
3. O problema da Morte em Fernando Pessoa, in Gil Vicente, n° 21/24, Jan/Dez. 1985;
4. Ideias Políticas em Santo Agostinho, "in Gil Vicente", n°26, Jan/Junho de 1992;
5. Arcebispos e Priores no conflito Braga-Guimarães, in "Gil Vicente", n° 27, Julho/Dez.-1992;
6. Cultura e Sociedade, in "Gil Vicente" n° 15/16, Julho/Dezembro de 1983;
7. A Saudade como via de revelação do homem, in "Gil Vicente", n° 8, Jan/Março de 1982;
8. Ferdinand Saussure e o Estruturalismo, in "Gil Vicente", n° 10, Abril/Junho de 1982;
9. Centenário do nascimento do Poeta Artur Maria Afonso, in "Gil Vicente", , Julho/Ag. - 1982;
10. Ao Encontro do Absoluto, in "Gil Vicente", n° 12 Out/Dezembro de 1982;
11. No Centenário da Morte de Florbela Espanca, in "Gil Vicente", Jan/Março de 1991;
12. Jornais que Guimarães já teve, in "Gil Vicente", n° 3, Julho/Setembro 1981;
13. Espiritismo: Filosofia, Ciência ou Religião?, in "Gil Vicente", n° 3, Julho/Agosto 1981;
14. Aspectos Arqueológicos de Trás-os-Montes, in "Gil Vicente" n°4, Out/Dez. 1981;
15. No 45° aniversário da morte de Fernando Pessoa, "in Gil Vicente", n°4, Out/Dez. de 1980;
16. Miguel Torga e a 'Presença', Separata dos "Estudos Transmontanos e Durienses", n°7, 1997;
17. Monsenhor Alves da Cunha (1872-1947) - um transmontano que vale a pena recordar, Separata dos "Estudos Transmontanos e Durienses", n°8, 1999
18. O Subterrâneo do Altar da Pátria, in "Mínia", 3ª série, Ano II, 1994;
19. Padre Domingos Barroso: autor do livro 'O Perdigueiro Português', in "Domus - revista de cultura", n°2, 1998, prop. Do ISLA, Bragança;
20. As Eiras de Bosta, in "Tellus" n°29, Outubro de 1998;
21. Medicina Popular Sim! Bruxaria Não! in "Tellus" n° 25, Junho/1996;
22. Rifoneiro Barrosão, in Tellus n° 27, Outubro de 1997;
23. Neologismos de ontem, arcaísmos de hoje, in "Tellus" n° 31, Nov/1999;
24. Ilustração Transmontana publicou-se há 90 anos, in "Aquae Flaviae", n°19 de Junho/1998;
25. Alberto Sampaio e a Geração de 70, in "Actas Colóquio "De Garrett ao neo-Garrettismo", Maia, 1999;
26. As Origens da Casa de Bragança, in "Estudos Transmontanos", n°9, 1999;
27. Cultura e Educação: duas faces da mesma moeda, in "I Encontro 2000 Educação e Cultura: do Passado ao Presente", SNPL, Chaves, 2000;
28. A lei do mais forte continua a existir. Porquê? in "II Congresso dos Escritores Portugueses", 1982.
29. A modernidade transmontana implica incentivos ao regresso. Actas do III Congresso, 2002;
30. Torga e Eu- correspondência dele para mim - 2007

– **Antologiado:**

- a) Dicionário Cronológico da Autores Portugueses, Vol. VI, organizado pelo Instituto Português do Livro e das Bibliotecas (Publicações Europa-América), 2001, pp.553-555;
- b) Parágrafos de Literatura Ultramarina, Vol. I, de Amândio César, 1967;
- c) Novos Parágrafos de Literatura Ultramarina, SEC, de Amândio César, 1971;
- d) A Hora 1, antologia 7º ano unificado, H. Fernandes e Pires Cabral, 1977, Porto Editora;
- e) Aula Viva - Língua Portuguesa - Ensino Básico - 9º ano, Porto Editora, 1994;
- f) Língua Portuguesa - Textos e Técnicas de Trabalho, 8º ano, Porto Editora, 1996;
- g) Crescer em Português - Língua Portuguesa - 7º ano - Porto Editora, 1998;
- h) Trás-os-Montes e Alto Douro, antologia, António Cabral, 1979;
- i) Pensar Portugal, António Marques Bessa, Liga Popular Monárquica, 1972;
- j) O Corpo da Pátria - ant. poética da Guerra do Ultramar 1961-1971, P. Gomes, Pax, 1971;
- k) Poesia - 1967 - António Filipe Neiva, Editorial Grafamar, Tomar - 1968;
- l) In memoriam de Raul Sá Correia (1900-1993), Vila Flor, 1995;
- m) Antologia Poética- III Encontro Nacional de Poetas - Câmara Terras de Bouro, 2004
- n) El Cielo de Salamanca, revista Cultural Euro-americana, n° 5, Verão de 2003;
- o) Antologia Poética de Autores Vimeiraneses, Liv. Ideal, 1993;
- p) Dicionário dos mais ilustres Transmontanos, I vol. 1998
- q) Os poetas vestidos de Soldados, Rodrigo Emílio, 1973.

– **Coordenou a publicação de*:**

- I - Família, criança e escola - essência comunitária (2000)
- II- O associativismo e a animação comunitária (2001)
- III- O Ciclo do Linho, como factor de animação (2004)
- IV- Os Moinhos Portugueses (2004)
- V- As matanças e a animação popular (2005)
- VI- As desfolhadas (2005)

* com estes seis volumes criou a colecção "sabedoria popular", no âmbito da disciplina: "Práticas e Teorias da Animação", por ele ministrada no Instituto de Estudos Superiores de Fafe, entre 1998 e 2005.

– **É sócio** das seguintes instituições (entre outras):

- " Casa Regional dos Transmontanos e Alto Durienses do Porto (nº 1);
- " Trasald (Cooperativa dos autores e criativos Transmontanos);
- " Casa de Trás-os-Montes e Alto ouro de Lisboa (2705)
- " Casa de Trás-os-Montes e Alto Douro de Guimarães (82)
- " Grupo Cultural Aquae Flaviae (5)
- " Associação Portuguesa de Escritores (594);
- " Sociedade Portuguesa de Autores (112023);
- " Sociedade de Etnologia e Antropologia do Porto (52);
- " Instituto Brasileiro de Antropologia da Amazônia;
- " Instituto Geográfico e Histórico do Amazonas;
- " Sociedade Martins Sarmiento (361);
- " Academia de Letras de Trás-os-Montes (5);
- " Gabinete de Imprensa (Sócio nº1);
- " Automóvel Clube de Portugal (59328)
- " Associação Internacional dos Amigos de Ferreira de Castro;
- " Centro de Estudos Bocageanos, (156)
- " Instituto Português de Imprensa Regional (sócio nº 1);
- " Associação Portuguesa da Imprensa Regional;
- " Associação de Operações Especiais (AOE - Ranger) (sócio nº 15);
- " Associação Nacional dos Combatentes do Ultramar (nº1);*
- " Movimento 10 de Junho (nº 3);
- " Associação dos Veteranos de Guerra (1160)
- " Círculo Cultural Miguel Torga (21);
- " União dos Escritores e Artistas Transmontano-Durienses (160).
- " Casa do Professor (Braga) (7560).
- " Associação Etnográfica o Boi do Povo (62 - honorário)
- " Liga dos Amigos do Hospital da Oliveira (107)
- " Liga dos Combatentes (46.618)
- " Unidade Vimaranesense (extinta em 1990)
- " Irmandade da Penha
- " Associação dos Antigos Alunos do Seminário de Vila Real (16)
- " Associação dos Antigos Alunos da Faculdade de Filosofia de Braga (7)
- " Sociedade Musical de Guimarães
- " Associação Familiar Vimaranesense (38.671, desde 6/1/1980);
- " Associação Humanitária dos Bombeiros Voluntários de Montalegre (2009)
- " Associação Humanitária dos Bombeiros Voluntários de Guimarães
- " Associação Divulgadora da Casa-Museu Abel Salazar (61)
- " Centro Social Senhora do Carmo (Guimarães - 15)
- " UNEARTA - União dos Escritores e Artistas Transmontanos (160)
- " Cruz Verde (12.007)
- ASP (Associação para defesa, estudo e divulgação Património Cultural de Braga)

" Associação Portuguesa de Poetas

* Na qualidade do sócio nº 1 da Associação Nacional de Combatentes do Ultramar, à qual presidiu durante 20 anos, foi ele que sugeriu a construção do Monumento aos Combatentes,

– Promoção de **Congressos** e outras manifestações culturais

Congresso Histórico Sobre Guimarães e a sua Real e Insigne Colegiada, em 1979;

do I Congresso da Imprensa Regional, realizado na Póvoa de Varzim, em 1984 e do

III Congresso de Trás-os-Montes e Alto Douro, em Bragança, em 2002.

– Organizou as três edições de Jogos Florais de Chaves (1970 a 1972), os I e II Jogos Florais de Guimarães e o concurso de quadras populares da Casa do Povo de Vizela.

– Prémios:

Foi distinguido com o 1º Prémio na modalidade de Reportagem Regionalista, nos Jogos Florais do Clube de Vila Real, em 1962; 1º prémio na modalidade do conto, organizado pelo CAT (Centro de Alegria no Trabalho), em 1962; 1º Prémio em quadra popular promovido pela Casa de Trás-os-Montes, de Guimarães, em 1973; 1º prémio na Modalidade de Estudo Etnográfico nos Jogos Florais de Montalegre (1984) 1º prémio em poesia livre, em 1989, promovido pela Casa de Trás-os-Montes do Porto; 2º Prémio nos Jogos Florais do XXV aniversário da Casa de Trás-os-Montes e Alto Douro de Coimbra, 1995.

O Júri da **Salpodium** distinguiu-o, em 1992, com o prémio "dedicação" e, em 1993, com o prémio "Literatura".

– Sócio Honorário de:

" Casa de Trás-os-Montes e Alto Douro, do Porto;

" Gabinete de Imprensa de Guimarães;

" Instituto Português da Imprensa Regional;

" Associação Nacional dos Combatentes do Ultramar;

" Veteranos de Guerra (1160);

" Associação Etnográfica "O Boi do Povo" (62)

" Associação Portuguesa de Poetas

* Associação dos Amigos de Ferreira de Castro.

– Condecorações:

Medalha de Mérito Militar,

Medalha Comemorativa das Campanhas de Angola (1965-67),

Grande Oficial da Ordem do Rio Branco, pelo Presidente da República do Brasil,

Mérito Municipal, prata, pela Câmara Municipal de Montalegre

Mérito Municipal, ouro, pela Câmara Municipal de Montalegre (9-6-2011)

– Intervenções:

Em Novembro de 1994 foi a personalidade transmontana convidada para palestrante oficial das Comemorações do aniversário da Casa de Trás-os-Montes e Alto Douro, em Newark, (U.S.A).

Em 1982 participou com uma comunicação no I Congresso de Escritores Portugueses, que decorreu em Lisboa;

Em 1989 voltou a participar em Lisboa no Congresso de Escritores de Língua Portuguesa;

Em 1987 e em 1988 colaborou com comunicações no I e II congressos da Imprensa Regional do Norte.

Em 1985 participou, igualmente com uma comunicação, no I Congresso da Imprensa Não Diária em Caldas da Rainha.

Neste mesmo ano foi convidado pela Casa de Lafões, em Lisboa, para falar de Leonor Alvim - alicerce da Casa de Bragança.

Em 1998 foi convidado para apresentar no Congresso Histórico e Cultural: Barcelos Terra Condal, a comunicação: "7º e 8º Conde de Barcelos na Tomada de Ceuta".

Foi o orador convidado pela Comissão promotora das Celebrações alusivas ao I Centenário do nascimento do

Soldado Milhões (em Murça) e foi também convidado para fazer o elogio histórico do Navegador João Rodrigues Cabrilho que descobriu a Califórnia, aquando da inauguração da escultura construída no Largo Fronteiriço à Câmara de Montalegre, acto a que presidiu o Prof. Doutor Cavaco Silva, ao tempo primeiro Ministro e actual Presidente da República.

– **Cargos Directivos:**

- " Presidente da Direcção da Casa de Trás-os-Montes de Guimarães (6 anos)
- " Presidente da Direcção Associação Nacional Combatentes Ultramar (20 anos)
- " Presidente da Direcção do Gabinete de Imprensa (15 anos)
- " Presidente da Assembleia-Geral Instituto Português Imprensa Regional (1982-2003)
- " Presidente da Assembleia-Geral Casa Regional do Porto (1984-1994)
- " Presidente da Assembleia-Geral da Federação das Casas Transmontanas diáspora (2001-2005)
- " Assembleia-Geral da Associação dos Antigos Alunos da Faculdade de Filosofia de Braga
- " Assembleia-Geral da Associação Antigos Alunos Seminário de Vila Real (desde a fundação)
- " Conselho Fiscal da Casa de Trás-os-Montes e Alto Douro do Porto (1994-2006)
- " Presidente da Assembleia-Geral Casa Trás-os-Montes de Guimarães (8 anos)
- " Presidente do Conselho Fiscal da Casa de Trás-os-Montes e Alto Douro de Guimarães (6 anos)
- " Presidente do Conselho Fiscal do Instituto Português da Imprensa Regional (desde 2003)
- " Presidente Conselho Fiscal da Trasad - cooperativa autores e criativos transmontanos
- " Presidente do Conselho Fiscal do Movimento 10 de Junho (nos 3 primeiros anos).

III

Testemunhos

1. Pinharanda Gomes – autor multifacetado, filósofo, ensaísta, telúrico (muito parecido com BFonte):

- destaca a intervenção social, o poeta, o historiador, o antropólogo, o etnólogo, historiador de arte e património, reflexão ensaística (Albero Sampaio e Alfredo Pimenta)

3. António José de Brito - Prof Catedr UP

- destaca o percurso académico, nomeadamente as teses de Mestrado e Doutoramento sobre Albero Sampaio e Alfredo Pimenta.

2. Amadeu Torres (Castro Gil) - Prof Catedr UC e UM

Claro que, se Barroso da Fonte vivesse no Porto ou em Lisboa, talentoso, persistente, rico de iniciativas e laborioso como é, e aí porventura frequentasse os bastidores de certos grupos a quem a cor exalta e entroniza (segundo se costuma ouvir dizer), naturalmente lhe caberiam muitas mais vénias. Estas, contudo, não raro se tornam contraproducentes interrompendo, superficializando o trabalho ou criando falsas perspectivas. De resto, a Ortega Y Gasset pertence este celeberrimo juízo de aplicação actualíssima: "Ser de direita ou de esquerda foi uma das mil e mais maneiras que o homem inventou para se mostrar imbecil".

Um abracíssimo, à carioca, meu caro Amigo! E, se à saúde tal não obstar, prossiga impávido, enquanto a caravana, pretensiosa e subsidiada, passa...

4. Rogério Borrallheiro - Investig UM

5. Inocêncio Pereira - Jorn e sub-dir Mens Bragança

B Fonte - um atento observador do comportamento dos homens

O Dr. Barroso da Fonte não é, nunca foi, dos que retrocedem ou param, nem se envaidece com fumos...

Polémico?... Com certeza, mas sempre na defesa intransigente dos interesses das populações.

Arrojado?... Claro que sim, e por isso mesmo inclemente na denúncia da corrupção.

Só não é polémico quem não intervém, quem não se preocupa com os problemas que afligem o país. Aliás, o seu espírito inovador foi sempre incompatível com a acomodação ou resignação.

50 anos de jornalismo e 40 de autor é "obra", sobretudo quando foram vividos verticalmente, sem olhar a outros interesses que não fossem a defesa do bem

comum. Veja-se o Dicionário dos "Mais Ilustres Transmontanos e Alto Durienses", em três volumes, de que é seu autor e coordenador.

E se admiro o escritor, o jornalista, o autor insigne, o investigador, o poeta, o estudioso, o político competente e talentoso, não me merece menos admiração o homem íntegro, generoso, incansável e solidário, que mourejou a vida com duro esforço e que constitui para todos os homens de letras uma referência incontornável.

É bem verdade o que diz o poeta: "Nós vamos deixando a vida pelo mundo em pedaços repartida." Veja-se o curriculum Vitae do Dr. João Barroso da Fonte. Manejador da pena como poucos, tornou-se um homem com enorme capacidade de iniciativa e de uma dedicação e zelo inexcedível. Nas suas actividades revelou-se o jornalista verdadeiramente talentoso e proficiente.

Foi um homem que se envolveu também, e muito a fundo, na docência, no associativismo, na etnografia e na literatura.

O seu curriculum vitae revelador de múltiplas vivências, diz-nos, muito claramente, o que tem sido este homem,

6. Francisco Gouveia - escritor, jornalista, engenheiro civil e músico instrumentista virtuoso

"Prefiro falar-vos do Barroso da Fonte inimigo da mentira, do Barroso da Fonte amigo, conselheiro e padrinho de muitos jovens escritores, do Barroso da Fonte construtor de mundos. Jornalista e colaborador de dezenas de jornais, fundador de outros tantos, esteve sempre ao lado dos que eram enfeitados pelos vários regimes..."

De Barroso da Fonte poderia estar aqui a tecer louvores que nunca me cansaria, mas fico-me por esta: ele teria sido, porventura, e caso este país atinasse na escolha das competências que nos deviam governar, o melhor ministro da cultura que poderíamos desejar. Talvez nunca se chegue a saber o que perdemos por ele nunca o ter sido (...)"

7. António Chaves - Economista, docente ESUP

Maior intimidade no conhecimento psicológico e humano, como colega na tropa:

João Barroso da Fonte nasceu no seio de uma família numerosa, na aldeia de Codeçoso, concelho de Montalegre. Tendo vários irmãos mais velhos, cedo foi obrigado a fazer ouvir a sua voz e a afirmar a sua identidade no seio do grupo familiar. Porventura foi esta aprendizagem que o inspirou para, mais tarde, dar voz à sua região, sem voz.

Acabada a instrução primária, rumou ao seminário de Vila Real onde foi encontrar uma diversidade distinta daquela que conheceu nos apertados limites da sua pequena aldeia.

A disciplina, a vida social, o sentido de obediência, a escassez de espaço para a liberdade e a rebeldia de um ser em formação, coexistiram com o respeito e o cumprimento da regra, o que constitui uma aprendizagem por vezes amarga mas imensamente valiosa.

Neste âmbito interiorizou que o trabalho duro e o método são a forja das grandes virtudes que sustentam as grandes vitórias. (...)

"Hei-de escrever nas bermas dos meus caminhos a história da mulher que me traiu!"

A sua obra expressa o vigor da sua energia, da sua disciplina e da sua perseverança. A sua natureza íntima continua porém insondável para a grande maioria.

9. José Viriato Capela - Prof. Cat. UM

E nele habituei-me a admirar, do lado do seu horizonte intelectual e cultural, o sentido polémico da sua reflexão, mas também o prático da sua realização como se as ideias e os projectos para se realizar precisassem da dinâmica da dialéctica e polémica das ideias e destas com a realidade. E ao lado e acima de tudo isto, uma inabalável determinação nos seus projectos e iniciativas, fruto de uma razão esclarecida e de uma vontade inquebrantável.

E a propósito, muito obrigado pelo envio regular dos Poetas e Trovadores, publicação que presta um enorme serviço à cultura nacional e regional, pela divulgação e apreciação crítica do que se vai produzindo localmente, de maior valia e digno de referência e assim vai construindo uma verdadeira comunidade de cultura e leitura.

10. Norberto Ferreira da Cunha - Prof. Cat. UM

Quando o Dr. Barroso da Fonte apareceu no Curso de Mestrado em Filosofia, do qual fui um dos docentes, não era, para mim, um desconhecido: sabia que fora director da Delegação do Porto da D.G.C.S.; que fora vereador na Câmara Municipal de Guimarães; que fora Director do Paço dos Duques de Bragança e do Castelo de Guimarães; que fundara e dirigira várias associações; que era autor de inúmeros livros de poesia e prosa, que tinham merecido uma especial atenção da opinião pública (como o evidenciam os prémios com que foi aureolado); que era um jornalista talentoso, intemerato e frontal, que colaborava, assiduamente, em alguns dos mais importantes diários portugueses e em alguns outros regionais (diários e não diários). Enfim, tinha, diante de mim, um "aluno" que era "mestre" em muitas outras coisas de que eu pouco ou nada sabia.

11. Mário Gonçalves Carneiro - Médico (1º Director das Termas Chaves)

Este grande trasmontano apresentou a BFonte Miguel Torga, que em sua casa passou as épocas termais durante trinta anos. Em sua memória, permitam-me divulgar mais detalhadamente estes pormenores:

Conheci Barroso da Fonte, como seu Médico de Família e tive ocasião de apreciar, pessoalmente, as suas qualidades de trabalho e de lutador nos campos do ensino, da cultura, do desporto e do turismo, deixando em Chaves marcada a sua passagem, principalmente na instalação do Centro do Instituto do Emprego e da Formação Profissional. Fez parte, com os professores Miguel dos Santos e José Henriques Dias, da Comissão do estudo que fundamentou a Escola do Magistério Primário que funcionou, onde mais tarde, funcionaria o pólo da Universidade de Trás-os-Montes e Alto-Douro. A ele se deve a direcção do Grupo Desportivo de Chaves, na temporada de 1972/73. Depois de constituir o elenco directivo e de regulamentar a política de vencimentos, uma vez que o Clube desde há 15 anos que não subia de divisão, gastando com treinadores somas incomportáveis, propôs que se jogasse e treinasse com a 'prata da casa'. Foi com essa teoria que o clube passou a treinar com jogadores da Terra (caso de Lisboa e Adão) e que acabou por subir de divisão, deixando o Desportivo sem dívidas e na II divisão.

Deslocado para Guimarães, por transferência e a seu pedido, foram-me chegando notícias da sua progressão no Ensino Superior, até ao doutoramento; escrevendo livros em prosa e poesia, com destaque para os três volumes do Dicionário dos mais ilustres Transmontanos e Alto-durienses; organizando e/ou colaborando em congressos, nomeadamente no III de Trás-os-Montes e Alto Douro (2002, em Bragança) e em 1970, no "Colóquio para o Desenvolvimento do Distrito de Vila Real"; fundando várias associações como a Associação Nacional dos Combatentes do Ultramar e a Casa de Trás-os-Montes do Porto; criando e dirigindo revistas e jornais, como a Gil Vicente, o Poetas & Trovadores e a Voz de Guimarães.

É-me grato confessar neste testemunho que o Barroso da Fonte foi uma espécie de meu irmão mais novo. Deu-se sempre bem com os meus irmãos: Edgar, Francisco e Luís e também com o meu sobrinho Eduardo Guerra Carneiro. Era visita de minha casa e ele e sua mulher fizeram questão em que fosse eu a acompanhar a gravidez do filho mais velho que nasceu em 1970. Foi por essa altura que lhes apresentei o Miguel Torga. Algumas vezes, já ela andava grávida, fomos almoçar, a meu convite ao Parador de Monterrey, a Verin. Chegámos a ir os cinco no seu carro: O Torga, o Padre Augusto, o casal e eu. E foi também por volta de 1970 que os mesmos, menos o Padre Augusto, visitámos o Padre Joaquim Alves, em Serraquinhos (companheiro de caça do Torga), onde almoçámos, regressando a Chaves por Codeço. Aí fizemos uma visita-surpresa aos pais do Barroso da Fonte que ouviam falar no Miguel Torga e em mim, sem nunca nos conhecerem. Era o filho que certamente lhes falava destes seus amigos. Era tempo de matanças, porque nos assentámos num grande escano, à volta da lareira e as chouriças ainda "pingavam". A "Tia Ana e o Tio António" fartaram-se de pedir desculpa pelo incómodo. Mas o Torga que conhecia bem os segredos do fumeiro, sempre ia dizendo que sabiam mais o lume e o aspecto dos lareiros afumados, do que as pingas da sorsa doméstica. E mais elogios fez quando a anfitriã, nos surpreendeu com uma chouriçada de uma primeira matança, já prontinhas para o pitéu que é daqueles que nunca se pode dizer que não. Barroso da Fonte nunca mais deixou de se lamentar, sempre que recordávamos essa visita a casa de seus pais, de não ir prevenido com máquina fotográfica e gravador para recolher aqueles diálogos quase divinos, entre o intelectual de S. Martinho de Anta e os pais que mais tarde fizeram as delícias do I Congresso de Vilar de Perdizes, já com o Padre Fontes a pôr as Terras

de Barroso no Mapa. É que o "o Tio António Ferreira", cortava o coxo, o ar e sarampo, nos cruzamentos dos caminhos. E a "Tia Ana Torgueda" ditara ao filho e à luz da candeia, quando ele era seminarista, os formulários das rezas e credences que o filho e o Padre publicaram, em 1972, com o título de "Usos e Costumes de Barroso". O Padre Fontes tomou-lhe o gosto. E, em 1983, resolveu passar à prática esses mitos, essas rezas e essas credences que eu, médico e director termal, nunca presenciei, mas sempre entendi como forma pragmática de preservar um tipo de cultura popular credora dos maiores aplausos. Levarei comigo a mágoa de nunca ter convencido o Miguel Torga a dar-me um autógrafo nos livros que sempre comprava. Nesse aspecto ele era um ingrato porque o hospedei, cerca de 30 anos em minha casa, quando para aqui vinha fazer termalismo. Nunca o abandonei e ele sempre fez questão de me negar um autógrafo. Ao Barroso da Fonte - e não terá sido por simpatizar com seus pais e com a merenda que lhe deram em sua casa de aldeia - escreveu meia dúzia de cartões, ora assinados com Miguel Torga, ora com Adolfo Rocha. Foi muito mais feliz do que eu. E antes de morrer quero registar esta mágoa nas "minhas memórias" que espero publicar em vida. [não publicou, infelizmente]

Haveria muito mais a dizer sobre Barroso da Fonte e a sua influência nesta Região do Alto Tâmega. Penso falar dele nessas "Memórias" que ele tanto insiste comigo para escrever. Desde que mudei para o Hotel Trajano falta-me ambiente para redigir aquelas que serão as minhas últimas memórias. Mas andam-me no pensamento. E uma vez que Miguel Torga foi por mim apresentado ao Barroso da Fonte e ele o apresentou ao Fernão de Magalhães Gonçalves, acho que devo aqui deixar este registo.

Estas três figuras Transmontanas da cultura portuguesa, marcaram uma época. Além de alguns mais.

IV

Como fica dito, de forma insofismável, BFonte deixa profunda marca na nossa época e é exemplo, pelo trabalho, pelo talento e pelo carácter.

Conhecê-lo como homem é honroso e enriquecedor.

Lê-lo é ainda mais: é libertador.

O antigo ex-seminarista que trabalhou como apontador nas obras de consruição da barragem, no negro buraco cavado nas profundidades do ventre da sua terra, soube, como Prometeu e teve vontade férrea de se libertar do casulo abafado e húmido, para, atraído pela luz, se transformar em borboleta, em poeta!

"O fim da arte inferior é agradar, o fim da arte média é elevar, o fim da arte superior é libertar.", escreveu a esse respeito o genial Leonardo da Vinci.

Na luz da libertação individual de BFonte sempre coube a solidariedade para com os outros.

De entre muitos, acho ter o dever de destacar dois projectos, a todos os títulos notáveis:

De uma fidelidade férrea aos princípios e às obrigações sociais e humanas a que a verdadeira Cultura obriga, nunca, no seu jornal **POETAS & TROVADORES**, regateou apoio e incentivo a qualquer autor.

E a sua obra monumental, o **DICIONÁRIO DOS MAIS ILUSTRES TRASMONTANOS E ALTO DURIENSES** reveste com cúpula de diamante a sua vida e obra.

E merecerá da memória histórica, não apenas a trasmontana e alto-duriense, mas, também, a nacional, uma eterna gratidão pelo registo de tantos talentos que, sem isso, ficariam totalmente desconhecidos.

É uma obra ímpar, que, só por si, já faria que a sua vida valesse a pena e secularmente se prolongasse.

Leonardo da Vinci sabe desse milagre da imortalidade pelo trabalho:

Que o teu orgulho e objectivo consistam em pôr no teu trabalho algo que se assemelhe a um milagre.

Também as mães dos poetas, velhinhas, pobres e, ainda por cima, curvadas ao peso de um fatalismo secular, sabem que do seu ventre surgiu um milagre.

Leonardo da Vinci, um dos maiores pintores de todos os tempos (*Última Ceia, Mona Lisa...*), destacou-se também como cientista, matemático, engenheiro, inventor, anatomista, pintor, escultor, arquitecto, botânico, poeta e músico. É ainda precursor da aviação e da balística - concebeu ideias muito à frente de seu tempo, como um helicóptero, um tanque de guerra, o uso da energia solar, uma calculadora, o casco duplo nas embarcações, uma teoria básica das placas tectónicas... Além de estudos de anatomia, engenharia civil, óptica e hidrodinâmica...

Leonardo frequentemente foi descrito como o arquétipo não só do homem do Renascimento, como de todo o género humano, alguém cuja curiosidade intelectual insaciável apenas era perfeitamente igualada pela capacidade de a transformar em inventos práticos. Foi equiparado a *Prometeu*, que roubou aos deuses invejosos o fogo do céu.

A primeiríssima qualidade desse arquétipo genial do conhecimento é a curiosidade, o instinto de aprender a ser.

Pessoa sabe dizê-lo bem:

"Sinto-me nascido a cada momento / Para a eterna novidade do Mundo..."

E conclui:

"O homem é do tamanho do seu sonho."

Da longa listagem dos estudos, escrita, interesses, acções e realizações de Barroso da Fonte ressalta facilmente o seu notável enciclopedismo, tão próprio do homem renascentista e clássico, para quem a vida é sempre curta perante o sonho de abarcar o mundo.

E Agostinho da Silva explica:

Tudo vence uma vontade obstinada, todos os obstáculos abate o homem que integrou na sua vida o fim a atingir e que está disposto a todos os sacrifícios para cumprir a missão que a si próprio se impôs. Atento ao mundo exterior, para que não falte nenhuma oportunidade de pôr em prática o pensamento que o anima, não deixa que ele o distraia da tensão interna que lhe há-de dar a vitória; tem os dotes do político e os dotes do artista, quer modelar o mundo (...).

Agostinho da Silva, in 'Considerações'

O homem de Cultura é como uma espiga madura e cheia, dadora de vida (ainda citando Leonardo):

Pouco conhecimento faz com que as pessoas se sintam orgulhosas. Muito conhecimento, que se sintam humildes. É assim que as espigas sem grãos erguem desdenhosamente a cabeça para o Céu, enquanto que as cheias as baixam para a terra, sua mãe.

V

O nosso limite de tempo impede várias outras considerações que vão ficar por mencionar neste acto solene, como até já se queixava Camões:

porque de feitos tais, por mais que diga / Mais me há-de ficar inda por dizer...

Este é um dia de muita dignidade: dignidade para Barroso da Fonte e também para a edibilidade da sua Terra, pela fidalguia e cuidados de boa mãe, que junto de si chama os seus filhos para os acarinhar, premiando e incentivando a sua alegria e criatividade, de modo a que o seu exemplo se transforme em sementes de Futuro.

Montalegre e a nossa Região poderão tornar-se terra de alegre verde e azul, montes e vales, desenhados e projectados para o futuro por homens assim – homens grandes, em Letras e em Ciências, em Palavra e em Obra.

Desde sempre me habituei a ouvir falar desta terra barrosã. E é para mim grande felicidade que, em quase todas as aldeias de Montalegre, ainda hoje tenha (ou recorde) velhos companheiros e amigos, com quem posso de vez em quando partilhar e reviver, com um abraço, tantas recordações velhinhas!

Além de Barroso da Fonte, privei também com outros hoje ilustres montalegrenses: permitam-me destacar o nosso Padre Fontes, com quem estou quase a concluir a edição do *Cancioneiro Tradicional Barrosão*...

Talvez a minha já bem antiga amizade e admiração por BFonte me tenha levado a abusar, atentando contra a sua modéstia serena, de homem grande, em pensamento, sensibilidade, acção e opinião – deixem-me citar apenas o *"Livro do Desassossego"* de Fernando Pessoa, que parece ser um dos livros mais ligados ao coração deste homem hoje aqui homenageado:

"Ter opiniões é pertencer apenas a si mesmo. Não ter opiniões é existir. Ter todas as opiniões é ser poeta."

E dos poetas, como tu, diz ainda mais:

"nós nunca nos realizamos: somos dois abismos - um poço fitando o céu."

Neste dia bom, deixo-te para guardares este meu voto, como se fosse uma garrafa do melhor vinho fino da minha terra, meu velhíssimo Amigo:

Mantém ainda durante muito tempo na tua vida a curiosidade inteira do homem e os sonhos do poeta interior: sempre com um sopro, com um ritmo, com um rumo, com uma asa.

Obrigado.

Montalegre, 9 de Junho de 2011

– Altino Moreira Cardoso

(altinocardoso@sapo.pt - 219208188.919487766)